**Índice**

A primeira possibilidade de um pensamento africano filosófico colectivo: etnofilosofia -2

Conceptualização-------------------------------------------------------------------------------------------2

Placide Templs (1945), Filosofia Bantu---------------------------------------------------------------3

Alexis Kagame-----------------------------------------------------------------------------------------------5

John Mbiti-----------------------------------------------------------------------------------------------------6

Considerações finais---------------------------------------------------------------------------------------9

Bibliografias-------------------------------------------------------------------------------------------------11

**A primeira possibilidade de um pensamento africano filosófico colectivo: etnofilosofia em Templs, Kagame e Mbiti.**

Os pensadores africanos problematizam a questão do estatuto da oralidade tradicional africana. E questão fundamental é: os provérbios, os contos tradicionais, os dizeres dos sábios, os mitos, os costumes, expressam conteúdo filosóficos ou em si são filosóficos?

Qual é a função ou qual é o papel dos filósofos educados profissionalmente perante os dizeres tradicionais?

A Filosofia seria uma forma de pensamento exclusiva de alguns povos? Ou será que cada povo elabora uma visão filosófica de mundo? Os questionamentos filosóficos sobre a verdade, o justo, a beleza, a finitude da vida, a existência dos deuses são de fato universais, isto é, válidos para todos independentemente da cultura de cada povo ou país? E as respostas a essas indagações seriam válidas para todos ou variariam de acordo com a cultura e o local? Existe uma filosofia africana? Se não existe, quais seriam as causas dessa ausência? Se existe, por que não conhecemos suas reflexões e autores? Haveria uma filosofia africana única ou diversas tendências filosóficas dentro do continente africano? Mas, se se pode falar de filosofia africana por que tal filosofia e seus filósofos não estão presentes nos livros didáticos de filosofia? As respostas a perguntas colocadas acima, serão dadas baseando-se em três (3) autores principais, que deram as suas contribuições, atendendo as perguntas acima.

Estes autores são: Placide Templs (1945), na sua obra intitulada “*Filosofia bantu*”, Alexis Kagame (1956), na sua obra intitulada “La Philosophie Rwandaise de L’entre”, John Mbiti (1969), na sua obra intitulada “*African Religions and philosophy*”.

**Conceptualização**

O termo etnofilosofia é usado para designar as crenças encontradas nas culturas africanas. Tal abordagem trata a filosofia africana como consistindo em um conjunto de crenças, valores e pressupostos que estão implícitos na língua, práticas e crenças da cultura africana e como tal, visto como um item da propriedade comum. Um dos defensores desta proposta é Placide Templs, que argumenta em filosofia bantu que a metafisica do povo Bantu é refletida em suas linguagens.

E.J. Algoa da universidade nigeriana de Port Harcourt, defende a existência de uma filosofia da historia decorrente dos provérbios tradicionais do Delta do Niger, no seu artigo, “*uma filosofia da historia africana na tradição oral*”, argumente que na filosofia africana, a idade e vista como um factor importante na obtenção de sabedoria e de interpretação do passado. E ele faz citações dos seguintes provérbios:” mais dias mais sabedoria”, “ o que um velho vê sentado, um jovem não vê me pé”, “a verdade e vista como interna e imutável (a verdade nunca apodrece), mas as pessoas estão sujeitas ao erro (mesmo um cavalo de quatro patas tropeça e cai).

A sagacidade filosófica é uma espécie de visão individualista da etnofilosofia, que o registo das crenças de certos membros de uma comunidade especial. A premissa é de que embora a maioria das sociedades exigem algum grau de conformidade de crenças e de comportamentos dos seus membros, alguns desses membros chegam a níveis superiores de conhecimento e de entendimento das suas culturas e visão do mundo. Em alguns casos, o sábio vai além do mero conhecimento e compreensão para reflexão e questionamento, tornando-se alvo da sagacidade filosófica.

**Placide Templs (1945), Filosofia Bantu.**

Templs foi um missionário franciscano de origem belga, que foi trabalhar numa missão do Congo belga, em Dilolo, Katanga. Ora, a questão que se levanta é a seguinte: porquê falar do Templs na filosofia africana? Ou seja, que contribuição teria dado um missionário ocidental, iluminado por ideias hegelianas, para a filosofia africana?

A resposta é um pouco complexa: Templs, apesar de ser ocidental, constitui uma oportunidade e uma força para os estudos da filosofia africana contemporânea. É considerado uma oportunidade porque foi o primeiro autor, que produziu uma obra*, intitulada filosofia bantu*, em 1945, que abriu um espaço de debate de existência ou não da filosofia africana. E uma forca, dado que mesmo sendo hegeliano o contexto teórico que se vivia, reconheceu a existência de um pensamento ontológico africano, como atesta a citação seguinte:

 “*De facto, Templs foi o primeiro a afirmar que a reliosidade dos bantus exprime*

 *Um pensamento metafisico e não magico, afirmando que a sua cultura representa*

 *Um sistema filosófico autentico, (Bono, 2014, P.259).”*

Por seu turno, Castiano (2010, P.253) considera Templs, como sendo o autor do texto fundador da etnofilosofia.

Segundo Templs, citado por Bono (2014, P.259), os bantu possuem um pensamento metafisico coerente, ainda que não tenha plena consciência ou não consiga expô-la. O autor supracitado salienta, assumindo o papel de ajuda-los a sistematizar a sua ontologia.

Por seu turno Mogobe Ramose[[1]](#footnote-1), faz a seguinte observação:

*“Os conquistadores da África durante as injustas guerras de colonização se arrogaram a autoridade de definir filosofia. Eles fizeram isto cometendo epistemicídio, ou seja, o assassinato das maneiras de conhecer e agir dos povos africanos conquistados. O epistemicídio não nivelou e nem eliminou totalmente as maneiras de conhecer e agir dos povos africanos conquistados, mas introduziu, entretanto, - numa dimensão muito sustentada através de meios ilícitos e 'justos' - a tensão subsequente na relação entre as filosofias africana e ocidental na África”.*

Para o estudo da filosofia bantu, Templs usou, infelizmente a língua ocidental e para fundar a objetividade a exposição da filosofia bantu, Templs fez confronto entre linguagens, comportamentos, instituição e usos bantu, para analisa-los isolar as ideias fundamentais e construir um sistema do pensamento bantu, (Bono, 2014, P.259).

A tese central do Templs é de que a concepção da vida dos bantu e alicerçada num único valor: a vida, o rigor da vida, que é o valor supremo, se não vejamos:

 *“Todos os cultos e as magias dos bantu prestam-se a afirmação da vida. As curas*

 *Medicinais prestam-se a recuperar a força. Deus é o único rigoroso. Todos os*

 *Seres possuem uma força vital que lhes é dada por Deus, (Bono, 2014, P.259).”*

Castiano (2010, P.253), explica que Templs, afirma que a força vital é espécie de uma realidade invisível que esta por de trás de todas as coisas que existem, mas esta força suprema no homem, porque este pode reforçar a sua força vital usando as outras forças vitais tanto dos homens como outras criaturas ou coisas.

O homem pode interferir na interação entre as diferentes forças vitais. E a capacidade de interferência do homem depende do conhecimento que ele tem sobre as várias formas de interação entre as diferentes forças vitais, assim o conhecimento equivale ao saber ou poder influenciar a direção da interação entre as forças. Assim sendo o autor conclui que o detentor ou o sujeito do saber nas sociedades bantu é aquele que domina, no sentido de poder manipular, a relação entre as forças, (Idem, 2010, P.253)

O autor supracitado, explica ainda que, para Templs, quem quer estudar e compreender os povos primitivos deve perceber a sua metafisica.

Há uma hierarquia entre as força, na ótica de Templs: acima de todas as forças está Deus, o grande espírito criador de todas as forças, depois de Deus encontra-se pais fundadores de todas clãs, de seguida estão os homens-vivos, de seguida estão as forças inferiores, nomeadamente: animais, plantas e mineiros, (Idem, 2010, P.253).

**Alexis Kagame**

A contribuição do Kagame na ontologia africana foi de verificar e corrigir as teorias templsianas, denunciando um método gravimente deficiente. Ele defende que estudando a tribo baluba não é possível conhecer todo o povo bantu. E acusa Templs de ter abordado a cultura luba numa perspectiva mais etnológica do que filosófica, contudo, Kagame rende honras ao Templs, por ter sido o primeiro a dar sinal de partida da história da filosofia bantu (Bono, 2014, P.259).

Dentre as suas seis obras de filosofia, destaca-se a intitulada “*La Philosophie Rwandaise de L’entre”.* O objectivo desta obra era de demostrar a possibilidade defazer a filosofia, na qual Kagame, recorre a analise linguística, em particular a língua kinyarwanda, que com a qual demostra a capacidade de abstração: basta substituir ao prefixo um ( que exprime o concreto) o prefixo bu ( que exprime o abstrato) de modo que U-mu-ntu significa homem e U-bu-ntu humanidade. Salienta ainda, que todas as línguas bantu tem uma classe dedicada a abstração (Bono, 2014, P.259).

Kagame estabelece quatro (4) categorias do ser: (1) Muntu= ser de inteligência, (2) Kintu= ser sem inteligência (coisas), (3) Hantu= ser localizador (lugar, tempo) e (4) Kantu= ser modal (modo de ser do ser). Olhando para a categorização acima, nota-se claramente que não tem lugar para Deus. Argumenta o autor que é improprio definir Deus como supremo porque para a filosofia bantu este não faz parte da categoria dos seres, os únicos seres na ontologia bantu são o animal e o homem (Idem, 2014, P.259).

Para Kagame falar da filosofia bantu requer os seguintes procedimentos: (1) considerar uma área cultural especifica e identificar os elementos filosóficos consagrados na linguagem e instituições, nos contos, historias e provérbios; (2) entender a pesquisa, em seguida, a toda área bantu a fim de verificar se os elementos se encontram lá ou não. Em conclusão e que se pode então, reconhecer a ausência de uma filosofia bantu ou afirmar a sua existência real (Idem, 2014, P.259).

**John Mbiti**

Mbiti foi pastor anglicano de origem queniana, autor da obra intitulada: “ *African Religions and Philosophy”*. Ele contesta Templs por ter falado da filosofia bantu a partir de uma tribo particular. Na obra supracitada, Mbiti, argumenta que o facto de falar de religiões em Africa, deve-se ao facto de existir, em Africa, mais de três mil povos e cada um dos quais com o próprio sistema religioso, dai que ignorar as religiões africanas implicaria não poder compreender os comportamentos e problemas africanos, dado que a religião tem maior influencia na vida e no pensamento destes povos, (Bono, 2014, P.259).

O autor supracitado concebe a filosofia africana como sendo a compreensão, atitude mental, a logica e a percepção ínsitos no modo em que os africanos, pensam, agem ou falam nas várias circunstâncias da vida. Afirma que em África não existe africanos não religiosos e na religião tradicional africana não existem dogmas, apenas tradições activamente transmitidas, não existem credos por professar, nem escrituras sagradas, nem missionários, nem fundadores. Existe a crença na vida apos a morte, não existe paraiso ou inferno. O culto e pragmático.

Na prespectiva do Mbiti, as religiões tradicionais africanas são historicamente mais antigas que o cristianismo e o islamismo e não podem ser reduzidas ao culto dos antepassados ou a superstição e magia como ilusória manipulação da realidade. E em algum momento, Mbiti apresenta uma empatia positiva com Templs ao concordar o seguinte:

*“infelizmente, os autores estrangeiros devido `a sua grande ignorância, nunca chegaram a compreender esta visão profundamente religiosa dos nossos povos e a ridicularizaram ou a apresentaram estupidamente como culto da natureza ou animismo, (Bono, 2014, P.259).”*

Mbiti utiliza a categoria do tempo como chave para a compreensão da religião e filosofia africana. O tempo para os africanos é uma composição de eventos que tiveram lugar ou estão por acontecer, existe apenas o passado e o presente, não existe virtualmente o futuro, sendo assim, Mbiti apresenta cinco categorias a saber: (1) Deus, (2) Espiritos, (3) homens, (4) animais e plantas e (5) fenómenos e objectos sem vida biológica.

Sobre a noção de Deus, Mbiti afirma que todos os povos africanos tem sim, uma noção de Deus, pois, na ontologia africana, Deus é aquele que origina todas as coisas e mantem a vida. Os atributos de Deus são: omniscente, omnipresente, omnipotente e cada povo africano o reconhece como uno.

Aos atributos morais de Deus são: misericordioso, clemente, compassivo, e para os africanos Deus e bom e justo e não o definem como amor, porque raras vezes falam de amor. A principal actividade divina e a criação e também a satisfação das necessidades das suas criaturas. A luz do sol é um sinal da providência divina e a chuva e sempre uma benção. Deus é tido por pai ou mãe e os seres humanos “filhos de Deus” ou “povo de Deus”, os animais são usados para sacrifícios, o céu e considerado habitação de Deus, a chuva e considerada benção, os trovoes são considerados por muitos povos como voz de Deus.

Não existem ídolos na religião africana, todos os povos tem um sistema de reza próprio. A maior parte das preces são dirigidas a deus, especialmente através do canto. Nas rezas se pede algo prático não de ordem espiritual ou prémios finais, os sacrifícios e as oferendas são feitas para restabelecer uma ordem ontológica perturbada.

Mbiti distingui dois tipos de seres espirituais: os que foram criados tal por Deus e os que autrora foram humanos e os espíritos não são, em si, nem bons nem maus, mas convém que se mantenha distância deles

Para Mbiti, a ontologia africana e antropocêntrica, pois, o homem esta situado no centro da existência e os povos africanos interpretam tudo em relação a esta posição central do homem, e como se Deus existisse somente no interesse da humanidade.

Apesar de cada povo africano ter a sua organização social, e política distinta, Mbiti esforçou-se em demostrar no seu estudo comparativo que existem mais semelhanças do que diferenças e os conceitos fundamentais constantes são: como dito, crença em Deus, existência dos espíritos, continuação da vida apos a morte, magia e bruxaria.

A razão da escolha da religião para fontes de estudos filosóficos por parte do Mbiti deve-se a duas razões: a primeira e logica de que Mbiti e reverendo e teólogo e tendo ensinado a cadeira da religião comparada, nas universidades de Makerere e de Hamburgo e a segunda desdobra-se em cinco particularidades: (1) as religiões africanas não estão escritas nos papeis, mas sim nos corações, nas mentes, na historia oral, nos rituais que as pessoas praticam e as personalidades religiosas não são padres, mas sim os rainmakers ( fazedores de chuvas), idosos que orientam as cerimonias e mesmo reis; a segunda particularidade e de que as religiões africanas não tem a partida, a pretensão de serem universais, confinam-se a comunidades que servem; a terceira particularidade avançada por Mbite e que não existem conversão de uma religião para outra, porque o homem africano nasce naturalmente religioso e esta condenado a aquela religião professada pela comunidade em ele porventura terá a sorte ou azar de ter nascido; a quarta particularidade em que não pode nascer, no seu seio nenhum fundador e muito menos reformador e a ultima e a quinta e que nas religiões africanas não existe paraíso no qual teremos uma vida plena e nem um inferno onde teremos uma vida horrível depois da morte.

Considera o acima exposta pode-se levantar a seguinte questão: ao falar das religiões africanas, estará Mbiti a falar da filosofia africana?

**Considerações finais**

Quando falamos da etnofilosofia queremo-nos referir aos valores tradicionais africanos: tradição, rituais, sistemas de crenças, as máximas, os provérbios, os ditos e linguagens africanas. E Bantu tem a noção de bem e do mal e este conhecimento está ligado a sua sabedoria (filosofia). A sua moral é ontológico (ser-Deus), é imanente e intrínseca. O conhecimento de Deus faz parte da sabedoria africana Bantu, por isso todo o comportamento que vai contra a vida humana, contra a força vital e ao crescimento da pessoa é maldosa, é uma destruição da vida humana.

Para o Bantu a vida é mais forte que a morte, que o direito é mais forte que a injustiça, deste modo dir-se-á que o bantu tem convicção, diante do mal, de que a força vital possui uma força de restauração da vida.

Kagame, defende que o conhecimento do vocabulário e da gramatica duma língua levam a uma melhor compreensão da concepção e ao modelo do pensamento logico de um povo.

A primeira escola da filosofia em Africa, defendida por John Mbiti, traz a ideia de que a filosofia africana é um pensamento especulativo que tem as suas bases nos provérbios, máximas, que os africanos herdaram dos antepassados através da tradição oral. A função do filósofo africano é de colecionar e interpretar os provérbios, contos e mitos.

Templs ao estudar a cultura dos Balubas, kagame ao estudar a ligua rwandesa e Mbiti a religião dos povos africanos, estariam estes a fazer filosofia? É verdade que a etnofilosofia apesenta uma análise rica descritiva da sabedoria do povo africano, mas a filosofia é fruto do trabalho individual ou sujeito autónomo. A filosofia preconiza o uso da razão (logos) e a escrita, a partir da oralidade e do mito e ela (filosofia) começa onde a opinião e o saber popular terminam porque os dois aspectos são uma concepção critica da tradição e da autoridade de uso dos costumes.

**Bibliografias**

BONO, Ezio Lorenzo*, MUNTUISMO: a ideia de pessoa na filosofia africana*

 *Contemporânea*, 1ª edição, Editora educar, Maxixe:2004. P. 259.

CASTIANO, P. José, *REFERENCIAIS DA FILOSOFIA AFRICANA: em busca da*

 *Intersubjectivação*, 1ª edição, edição Ndjira, Maputo: 2010. P. 252.

1. Mogobe Bernard RAMOSE (1945). Filósofo sul-africano. Professor de filosofia na Universidade da África do Sul (Pretória). Desenvolve suas pesquisas nos campos da filosofia africana e da filosofia política, do direito e das relações internacionais. Autor, dentre outros, de Filosofia africana através do Ubuntu [African philosophy through Ubuntu]; dos artigos “Sobre a legitimidade da filosofia africana” (revista Ensaios Filosóficos, vol. IV, 2011) e “Globalização e Ubuntu” (no livro organizado por B. S. Santos e M. P. Meneses. Epistemologias do Sul). Consultado em: <https://observatoriodaevangelizacao.files.wordpress.com/2015/11/caderno-2_filosofias-africana-e-latino-americana-2.pdf>, em15 de Abril de 2017. [↑](#footnote-ref-1)